

## No Olho da Rua - A População em Situação de Rua e Informação Jornalística<sup>1</sup>

Paula Setsuko NISHIZIMA<sup>2</sup>  
Isabella Torrezan Mayer de MELO<sup>3</sup>  
Juliana Cristina CORDEIRO<sup>4</sup>  
Felipe Harmata MARINHO<sup>5</sup>  
Universidade Positivo, Curitiba, PR

### RESUMO

O presente trabalho busca investigar como se estabelece a relação entre pessoas em situação de rua e a informação jornalística, tendo como produto final um videodocumentário. O trabalho discute, principalmente no produto, de que forma estas pessoas absorvem e interpretam as informações divulgadas pela mídia e como podem se apropriar de recursos da comunicação para promover mobilização social e exercer sua cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação popular; documentário; jornalismo cidadão; população de rua.

### 1 INTRODUÇÃO

O caderno Famílias e Domicílios do Censo 2010 não contabiliza quantas pessoas fazem da rua sua moradia, apenas aponta que, levando em conta alguns fatores, foram identificados 2,3 milhões domicílios inadequados no país, em contraste com cerca de 30 milhões de domicílios considerados adequados.

Possuir um domicílio inadequado, para a pesquisa, significa não dispor de abastecimento de água, rede de esgoto, coleta de lixo e não respeitar o número máximo de dois moradores por dormitório.

Porém, para Machado, Prates e Prates (2011) não é possível ampliar o conceito de população de rua para os domicílios precários e as sub-habitações, pois, no contexto latino-americano, isso causaria um alargamento conceitual que dificultaria a caracterização das pessoas em situação de rua.

O relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua (2006), realizado em Brasília, procura conceituar esse público da seguinte maneira:

População de rua, para nós, é um grupo heterogêneo, que vive em situação de pobreza absoluta, que sobrevive de atividades que desenvolve no espaço da rua,

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e recém-formada pelo Curso de Comunicação Social - Hab. em Jornalismo. E-mail: paula@ciranda.org.br.

<sup>3</sup> Recém-formada pelo Curso de Comunicação Social - Hab. em Jornalismo. E-mail: iisamayer@hotmail.com.

<sup>4</sup> Recém-formada pelo Curso de Comunicação Social - Hab. em Jornalismo. E-mail: juliana.cristina.cordeiro@gmail.com.

<sup>5</sup> Professor orientador do Curso de Comunicação Social - Hab. em Jornalismo. E-mail: feharmata@yahoo.com.br.

mora na rua, tem vínculos familiares ou comunitários fragilizados ou interrompidos e passa a viver um processo de desfiliação social. (DESAFIOS, 2006, p. 23)

De acordo com a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (2008), são pessoas majoritariamente do sexo masculino (82%), de cor parda (39,1%) e recebem entre 20 e 80 reais semanais (52,6%). Também costumam enfrentar a violência urbana, a dificuldade de acesso a serviços essenciais, a exclusão de determinados espaços, além da própria violência policial, usada para afastar a população em situação de rua de determinadas praças e empurrá-la para as periferias.

Em meio a essas desigualdades, a população em situação de rua tende a permanecer alienada de seus próprios direitos e de seu papel-cidadão, já que muitas vezes torna-se um estrato social invisível.

Considerando que a mídia é um instrumento para a efetivação da cidadania, ela pode desempenhar um importante papel para dar visibilidade aos grupos que sofrem com algum tipo de desigualdade social. Por outro lado, a questão mercadológica e a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos indivíduos fazem com que ela absorva os discursos dominantes e distorça a realidade em nome de interesses privados.

No caso da população em situação da rua, uma visão ideológica pode contribuir para que preconceitos sejam reafirmados e, por consequência, seus direitos sejam negados.

As representações sociais sobre as pessoas em situação de rua reforçam a construção de identidades articuladas com valores negativamente afirmados. Neste caso específico, as representações sociais podem ser consideradas ideológicas, pois reproduzem e cristalizam relações concretas de dominação. (OLIVEIRA e WERBA 2002, apud FERREIRA e MATTOS, 2004, p. 2).

Visualizando os meios de comunicação como um desmembramento da sociedade em geral, eles também tendem a incorporar convenções estabelecidas por ela, o que resultaria em uma espiral de reprodução destas representações sociais que são consenso entre os grupos detentores dos veículos.

Apesar disso, existem outras alternativas para que se subvertam as práticas que distorcem ou depreciam a realidade por meio do jornalismo. Seja no interior dos próprios veículos, com uma atitude de 'resistência' perante a lógica do mercado, seja produzindo uma comunicação própria e independente.

## **2 OBJETIVO**

Elaborar um videodocumentário sobre a relação entre população de rua e a informação jornalística, de forma que contribua para a desconstrução dos estereótipos que recaem sobre

essa população e demonstre o papel da comunicação na (re)construção da consciência cidadã desse grupo social.

### 3 JUSTIFICATIVA

A pobreza pode ser entendida como um fenômeno multifacetado que não está unicamente expresso pela falta de renda, mas por uma privação relativa, fruto de estruturas sociais e institucionais vigentes no cotidiano (ACCORSI; GUARESCHI; SCARPARO, 2012).

Pobreza é um conceito mutável de acordo com o contexto socioeconômico de cada sociedade e certamente possui sérias consequências aos indivíduos que nela se encontram. "Em última instância, ser pobre significa não dispor dos meios para operar adequadamente no grupo social em que se vive" (ROCHA, 2003, p. 10).

A renda é, portanto, apenas um viés da exclusão social. Pessoas podem não ter acesso a serviços como o de saúde pelo fato deles serem escassos e limitados (poucos médicos e equipamentos apropriados, por exemplo), mas não necessariamente porque não possuam meios para pagar por ele.

No que diz respeito à população em situação de rua, a falta de meios para operar em sociedade está presente em vários aspectos. Tal público está privado de moradia, alguns de trabalho, convívio social, bens de consumo, entre outros fatores essenciais ao ser humano.

Além disso, alguns estratos sociais nutrem uma visão superficial das pessoas em situação de rua, que não leva em conta os processos sociais que as fizeram escolher a rua como moradia e atribuem sua condição a causas individuais. Além dessa visão, recaem sobre as pessoas que moram na rua uma série de preconceitos e estereótipos, que contribuem para o não reconhecimento de sua condição de ser humano e agente cidadão. Para este trabalho, toma-se como definição de estereótipo:

Uma matriz de opiniões com características de rigidez e homogeneidade, tratando-se de uma generalização abusiva (isto é, aplicada de maneira uniforme e admitindo poucas exceções), extremada (ou seja, atribuída de forma superlativa – muito ou pouco e não, apenas, moderadamente) e mais frequentemente conotada negativamente do que positivamente. (DINIZ, 2004, apud FERNANDES, 2011, p. 19)

Em *Que País é Este?*, Ilka Camarotti e Peter Spink (2003) afirmam que reduzir a pobreza atinge questões políticas, sociais e da construção de novos padrões de sociabilidade. "Isso implica dar voz e vez às pessoas em situação de pobreza, reconhecer e

apoiar as entidades comunitárias autônomas, as redes e movimentos próprios dessa população" (CAMAROTTI; SPINK, 2003, p. 75).

Uma forma de dar voz e vez às pessoas em situação de rua é por meio da comunicação, pois como relata o documento da Plataforma Intervenções para a efetivação do direito humano à comunicação no Brasil (2009): "Entende-se o direito humano à comunicação como um direito ao mesmo tempo individual, coletivo e difuso, em oposição à ideia da informação e da cultura como mercadorias, como meros objetos de consumo" (INTERVOZES, 2009, p. 2).

Alguns exemplos de redes e movimentos da população em situação de rua que trabalham a comunicação em Curitiba são o jornal A Laje, produzido pelo Movimento Estadual de População em Situação de Rua em parceria com alunos de jornalismo da UFPR e o blog Varal Revista, alimentado por Francisco de Assis Garcez, que fotografa as ruas de diversas cidades do Brasil.

Por meio destes veículos, uma parcela da população que vive nas ruas de Curitiba produz sua própria versão dos fatos relacionados à essa situação e conta histórias que por vezes escapam ao filtro de outros veículos de comunicação. Dessa forma, evidenciam e ajudam a construir sua própria cultura.

Para Milton Santos, "a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio" (SANTOS, 1998, p. 61). Uma vez que a comunicação, especialmente a de massa, é um forte instrumento de difusão cultural, ela não pode se eximir da responsabilidade para com o indivíduo e os grupos sociais desfavorecidos.

Isso também significa reconhecer que a comunicação pode trazer visibilidade e contribuir positivamente para a identidade das pessoas em situação de rua. Além de se tornar um instrumento pelo qual elas possam se sentir pertencentes à sociedade.

No jornalismo, isso implica em esclarecer parte das ideologias que dominam os veículos de comunicação e evidenciar o efeito que a produção de uma comunicação alternativa à dos grandes veículos pode trazer para a população em situação de rua.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Foram eleitas duas categorias de personagens para o documentário, a primeira diz respeito às pessoas em situação de rua. A escolha destes personagens foi norteada por dois critérios: 1 - pessoas que consomem algum tipo de informação jornalística e/ou produzem

sua própria forma de comunicar (jornal comunitário, blogs na internet e outros); 2 - utilizam sua relação com a informação jornalística para promover alguma reflexão ou mudança no seu cotidiano e no de outras pessoas.

Tais critérios permitem a escolha de personagens que possuem algum nível de familiaridade com a informação jornalística e, ao mesmo tempo, utilizam essa relação com a comunicação para promover alguma mobilização social no meio em que atuam (seja por meio de conversas informais com outras pessoas que moram na rua, na tentativa de pautar políticas públicas, na produção de jornais gratuitos, entre outros).

Dentre os três personagens que moram nas ruas, tem-se a figura de Francisco de Assis Garcez, fotojornalista que já trabalhou em veículos tradicionais de comunicação (jornais e revistas), mas que hoje tem um projeto de percorrer várias cidades brasileiras e fazer registros fotográficos destas para seu blog Varal Revista - estendendo suas ideias. Além disso, Garcez também já ministrou oficinas de fotografia para outras pessoas que moram na rua.

Adriano Soares de Lima é o segundo personagem. Ele participa da produção do jornal A Laje, feito pelo Movimento Estadual de População em Situação de Rua em parceria com alunos do curso de jornalismo da Universidade Federal do Paraná.

O terceiro personagem é Paulo Cordeiro, que busca informação principalmente por jornais e revistas, além de também participar do Movimento Estadual de População em Situação de Rua. Por consumir notícias com frequência, Paulo exemplifica situações por meio das quais costuma buscar informação.

Por se tratarem de pessoas que produzem e consomem produtos de comunicação, os três personagens têm uma visão crítica sobre a cobertura midiática de fatos relacionados à situação de rua.

Na segunda categorização dos entrevistados estão os jornalistas. A junção entre os pontos de vista destes e dos moradores de rua representa uma tentativa de complementar (e por vezes, contrapor) os olhares de ambos sobre a realidade social de quem mora na rua e a postura do jornalismo ao retratar essa e outras realidades de desigualdade social.

Nesta categoria foram entrevistados os jornalistas da Gazeta do Povo, José Carlos Fernandes e Mauri König. Apesar de trabalharem no mesmo veículo de comunicação, o critério para escolhê-los foi o fato de produzirem um jornalismo preocupado com questões sociais, já que ambos possuem um histórico de reportagens nas quais a temática social está presente.

Para encontrar os personagens que moram nas ruas, foi realizada uma reunião prévia com os alunos de jornalismo da UFPR e os membros do Movimento Estadual de População em Situação de Rua responsáveis pelo jornal A Laje. Durante a reunião, Adriano e Paulo sugeriram a Casa de Acolhida São José<sup>6</sup> como um local para encontrar possíveis personagens e se ofereceram para levar a equipe até lá em data combinada.

Durante a visita, foi realizada a filmagem da entrevista com Francisco e agendadas as entrevistas com Adriano e Paulo, que aconteceram posteriormente nas praças João Cândido e Garibaldi, respectivamente.

Foi utilizado o modelo de entrevista semiaberto, no qual não há um questionário fechado a ser seguido. Com base neste modelo, foi elaborado um questionário de perguntas prévias, mas que possibilitou o surgimento de novas perguntas ao longo das entrevistas.

Dessa forma, foram feitas algumas perguntas específicas para cada entrevistado, de acordo com seu envolvimento com o jornalismo. Para Medina (2001), este modelo possibilita que o centro do diálogo se torne o entrevistado e a relação entrevistado-entrevistador tenha condições de fluir.

A preparação para as entrevistas com os jornalistas José Carlos Fernandes e Mauri König, por sua vez, exigiu uma pesquisa prévia das reportagens já feitas por ambos sobre o tema, além de um apanhado geral sobre suas carreiras no jornalismo para melhor direcionar as perguntas.

Optou-se por não utilizar imagens que enfatizassem a vulnerabilidade social da população em situação de rua, já que a proposta do documentário é buscar um olhar humanizado sobre esse público. Uma vez que o foco do produto é a relação que eles estabelecem com a informação, dá-se prioridade a imagens que façam referência a esse contato, além de imagens da própria cidade de Curitiba, que incitam a reflexão quando associadas às falas dos entrevistados.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O documentário *No Olho da Rua* possui duração de 19 minutos e 59 segundos (incluindo os créditos finais) e conta com cinco personagens entrevistados no total, dentre eles dois jornalistas e três pessoas em situação de rua.

---

<sup>6</sup> A Casa de Acolhida São José oferece café da manhã às pessoas em situação de rua sob a organização da Irmã Joaquina Camargo, da casa paroquial das Filhas da Caridade, localizada no bairro São Francisco, em Curitiba.

Adotou-se também a linguagem do *stop motion* em diferentes momentos do vídeo, com inserções, entre as entrevistas, de pequenas cenas confeccionadas com bonecos e cenário feitos de papel, representando a relação do personagem que mora na rua com a cidade e a informação.

Para confecção dos bonecos menores foi utilizado papel Vergê branco e cola branca. O boneco principal foi feito com o mesmo tipo de papel, mas exigiu que as partes fossem coladas com cola quente.

Os prédios e o semáforo foram feitos a partir de material reciclável (caixas de leite, de cereal, entre outras) cobertas com papel sulfite no qual foram desenhados detalhes com lápis de cor e canetinhas. Os bonecos utilizados foram escolhidos por estarem sob a licença Creative Commons - Atribuição<sup>7</sup> ou por serem modelos que foram redesenhados para a inserção no vídeo.

Algumas destas cenas são acompanhadas da narração de trechos de notícias que foram retirados e adaptados de reportagens reais encontradas durante uma pesquisa feita pela equipe no portal de notícias Gazeta do Povo. A intenção de inseri-las no documentário foi de ilustrar algumas notícias que saíram na mídia sobre população de rua.

As vozes que narram são dos jornalistas Luiz Witiuk, Felipe Harmata e Sandra Nodari, que por serem atuantes na área de rádio e televisão, puderam imprimir uma leitura ágil e realista aos excertos das reportagens.

As imagens que aparecem na cena dos televisores foram feitas em aparelhos celulares, num enquadramento fechado (plano detalhe) de rostos dos familiares de uma das integrantes do grupo (Paula Nishizima).

Outro recurso estético utilizado foi a desproporcionalidade de tamanho entre o boneco principal e os demais elementos dispostos na cidade (prédios, carros, pessoas): O personagem que mora na rua é maior do que a maioria desses elementos do cenário. Tal escolha busca destacar sua importância e seu ponto de vista ao longo do documentário, uma vez que a invisibilidade é um fator enfrentado constantemente pela população que mora nas ruas.

Um traço característico do personagem é o fato de ele não possuir rosto. Buscou-se utilizar esse recurso na tentativa de não imprimir estereótipo à pessoa em situação de rua por meio do desenho. Dessa forma, o boneco pode ser tanto jovem quanto velho e de

---

<sup>7</sup> Esta licença permite que a arte seja compartilhada (copiar, distribuir e transmitir a obra), remixada (criar uma obra derivada) e utilizada para fins comerciais desde que seja creditada de forma especificada pelo autor. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/>>. Acesso: 13/09/13.

qualquer etnia. Representa inicialmente uma incógnita sobre quem são essas pessoas que fazem das ruas sua moradia. Procura-se esclarecer, em parte, esse enigma por meio das falas dos entrevistados.

A música utilizada para trilha sonora do documentário também possui licença Creative Commons - Atribuição, o que permite que seja utilizada sem maiores problemas com direitos autorais, sendo necessário apenas incluir o nome dos autores nos créditos. O som usado no background da abertura foi capturado pela equipe na própria cidade de Curitiba.

A arte dos GCs foi pensada como uma inserção do nome dos participantes em um pedaço de jornal impresso, para reforçar o fato de estarem na mídia, seja como produtores de informação ou como agentes de um fato noticioso. O documentário passou por três cortes para alcançar a versão final.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Existem dois campos principais que devem ser levados em conta para a realização das considerações finais deste trabalho. O primeiro diz respeito à situação de rua em si e o segundo, ao papel do jornalismo diante desta situação.

A pesquisa bibliográfica sobre a situação de rua aponta para um fenômeno social complexo que envolve fatores como violência policial, problemas de ordem familiar, falta de estrutura das cidades, falta de políticas públicas, culpabilização e consumo de drogas e álcool.

Com a realização das entrevistas para o documentário foi possível perceber que o perfil apreendido pelas pesquisas sobre a população em situação de rua (majoritariamente masculina, atuantes no mercado informal de trabalho e envolvidas com o consumo de drogas ou álcool) indiretamente produz um efeito de "massificação" deste público aos olhos do restante da sociedade.

Foram afirmadas com muita veemência pelos entrevistados as histórias de pessoas que estavam nas ruas, mas não tinham nenhum contato com drogas ou álcool e possuíam alto grau de escolaridade.

Também pôde ser identificado um sentimento de descrença com relação ao jornalismo em dois momentos da produção do documentário: no primeiro contato feito com o Movimento Estadual de População em Situação de Rua, no qual um dos entrevistados (Adriano) chegou a comentar que o tema havia "virado moda" na imprensa e demonstrado certa desconfiança

sobre as reais intenções da equipe; e durante a visita à Casa de Acolhida São José, na qual um homem que não se identificou perguntou o que ele ganharia ajudando na produção do documentário.

A partir deste apontamento se estabelece o segundo ponto: o papel do jornalismo perante a situação de rua. A primeira consideração é a de que comunicar implica dar visibilidade a este grupo e a suas necessidades e anseios. O tema exige uma cobertura humanizada e constante posicionamento crítico do repórter, uma vez que, como exemplifica José Carlos Fernandes, pode cair na cobertura paternalista ou caricata do assunto.

Pode-se dizer que este trabalho solucionou o problema de pesquisa ao contar as histórias da população de rua que acompanha com frequência a cobertura jornalística sobre os mais variados temas e demonstrar que ela se utiliza de ferramentas da comunicação para disseminar suas ideias e promover a transformação social (a exemplo do jornal A Laje e das oficinas de fotografia ministradas por Francisco).

Como explica Fernão Ramos (2001), se, ao assistir o documentário, o espectador sentir empatia pelos personagens e compreender seus pontos de vista, se identificando, portanto, com eles, então o documentário terá transmitido a mensagem.

Nesse processo, poderá haver então uma quebra de estereótipos na qual a população em situação de rua passe a ser vista como detentora de direitos que devem ser respeitados. Desta forma, também o jornalismo poderá ter cumprido seu papel social, na medida em que colaborar para registrar um viés da realidade e ajudar o espectador a compreendê-la.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCORSSI, A.; SCARPARO, H.; & GUARESCHI, P. **A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social**. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822012000300007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822012000300007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03/06/13.

CAMAROTTI, Ilka. SPINK, Peter. **Novos Espaços Públicos e a Ação Local na Redução da Pobreza**. In: ANDI. Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Instituto Ayrton Senna. Unicef. Cortez Editora. **QUE PAÍS é este? - pobreza, desigualdade e desenvolvimento humano e social no foco da imprensa brasileira**. São Paulo: Cortez, 2003. Série Mídia e Mobilização Social: Vol. 4.

**DESAFIOS e estratégias para a construção de políticas públicas nacionalmente articuladas, para a população em situação de rua**. In: PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL SOBRE POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, 2005, Brasília. Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua, 2006, p. 23.

FERNANDES, Luiz. **Do estereótipo à visão fenomenológica: análises sobre o agarrado**. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/tox/v17n1/v17n1a03.pdf>>. Acesso em: 03/06/13.

FERREIRA, Ricardo Franklin; MATTOS, Ricardo Mendes. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**. V. 16 n. 2, p. 47-58. 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010 - Famílias e Domicílios**. Rio de Janeiro, 2010.

INTERVOZES - Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Plataforma do Intervezes para a efetivação do Direito Humano à Comunicação no Brasil**. 2009. Disponível em: < [www.intervezes.org.br/publicacoes/documentos/plataforma\\_intervezes.pdf/view](http://www.intervezes.org.br/publicacoes/documentos/plataforma_intervezes.pdf/view)>. Acesso em: 03/06/13.

MACHADO, Simone; PRATES, Jane Cruz; PRATES, Flávio Cruz. **Populações em situação de rua: Os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento**. 2011. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1387>>. Acesso em: 03/06/13.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001.

META Instituto de Pesquisa e Opinião. **Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. 2008. Disponível em: < [http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario\\_executivo\\_pop\\_rua.pdf](http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf)>. Acesso em: 23/09/2013.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é Documentário?** In: Ramos, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio. Estudos de Cinema SOCINE 2000. Porto Alegre, Editora Sulina, 2001. p. 192-207.

ROCHA, Sonia. **Pobreza no Brasil: Afinal de que se trata?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 1<sup>a</sup> ed. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=06HDRhYrmRgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 20/06/13.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel. 1998. 4<sup>a</sup> ed.